

## Notas para o Estudo da Mortalidade Infantil Entre a População Escrava no Rio Grande do Sul (1850-1872)

Jurema Mazuhy Gertze\*

O presente artigo, de caráter exploratório, tem como objetivo contribuir para o resgate da história da criança negra escravizada no Rio Grande do Sul, abordando um dos aspectos mais contundentes do escravismo: a mortalidade.

Interessada no estudo da história da criança em Porto Alegre no século XIX, minha atenção se volta, no que se refere à escravidão no sul do Brasil, justamente para a situação da infância cativa.

Ao mesmo tempo que se constata o quanto ainda há por ser pesquisado acerca da história do escravismo, percebe-se hoje um crescente interesse pelo tema, mas a criança negra continua ausente.

Utilizando uma fonte específica, delimitada e praticamente inédita, os *Registros de Óbitos dos Escravos* sepultados no cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, pretende-se demonstrar o percentual de crianças entre o total de escravos sepultados no período de 1850 a 1872.

A delimitação temporal não é aleatória. O ano de 1850 marca a fundação do cemitério da Santa Casa bem como o início dos assentamentos dos escravos ali sepultados. Em 21 de setembro de 1871, foi aprovada a Lei Rio Branco ou Lei do Ventre Livre, uma disposição legal que atingiu diretamente as crianças escravizadas. Contudo, pelo fato desta lei ter sido regulamentada somente em 13 de novembro de 1872, pelo

\* Mestre em História do Brasil pela PUCRS e historiadora do Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOP) da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

decreto nº 5135, optou-se por estender o levantamento dos registros de óbitos até dezembro daquele ano.

Convém esclarecer desde logo que ao referir a lei não se tem a intenção de analisá-la. Tal procedimento extrapola o objetivo deste trabalho e a menção da mesma deve-se somente à necessidade de buscar uma justificativa para a delimitação temporal.

## 1. A criança escravizada no Brasil

As crianças negras escravizadas refletiam, mais do que os adultos, a ambição lucrativa do comércio de escravos. Ao embarcar num negreiro na costa africana com destino aos portos brasileiros, elas eram frequentemente excluídas das listas de embarque por serem de pouco valor e de difícil comercialização, já que não eram imediatamente produtivas.<sup>1</sup>

Partilhando com todos os escravos as péssimas condições em que se realizavam as viagens transatlânticas, as crianças sofriam muito mais, devido obviamente à sua maior vulnerabilidade diante das restrições alimentares e das precaríssimas condições de higiene.

Segundo uma descrição de Robert Walsh a respeito do negreiro português *Veloz*, se pode avaliar esta situação: “[...] ali encontravam-se algumas crianças junto à borda do navio; estavam deitadas em estado de torpor. [...]. As pequenas criaturas pareciam indiferentes tanto à vida como à morte, e quando eram carregadas para o convés muitas não conseguiam ficar de pé [...]”<sup>2</sup>

As crianças com menos de 8 anos de idade eram denominadas “moleques” e, dos 8 aos 15 anos, “molecões”. Para fins de comércio os primeiros equivaliam a 1/2 peça e, portanto, possuíam um menor valor. As que se encontravam ainda em fase de aleitamento não eram sequer contabilizadas.<sup>3</sup>

Uma vez desembarcadas e postas à venda, elas eram negociadas a preços mais baixos, assim como os escravos velhos, os doentes e os incapazes, que chegavam a valer 10 vezes menos do que um escravo adulto no auge de sua capacidade produtiva.<sup>4</sup>

Nascidas ou não no Brasil, a realidade das crianças negras escravizadas era bastante dura. Quando sobreviviam ao nascimento estavam sujeitas a morrerem precocemente, devido ao precário atendimento que recebiam de suas mães. Estas retornavam “ao trabalho [...] num espaço e tempo curto: cerca de três dias”.<sup>5</sup>

Por outro lado, parece ter havido um desinteresse por parte dos proprietários de escravos em relação à procriação dos cativos e, sobretudo, ao que se referia à mortalidade infantil. A percepção de que os cuidados com as gestantes e depois com os recém-nascidos implicariam em um investimento maior explica, assim, a opção de certos senhores por adquirir no mercado “escravos novos” para o aumento do seu plantel.<sup>6</sup>

Se houve casos em que as crianças escravizadas receberam um tratamento carinhoso, como referiram alguns viajantes estrangeiros, ou se outras poucas crescerem em companhia das crianças brancas, como afirmam alguns historiadores, também é verdade que muitas estiveram sujeitas aos caprichos, por vezes cruéis, dos filhos dos senhores. Como diz Maria de Fátima Rodrigues das Neves, era “a própria criança branca, ‘proprietária’ do menor escravo, que dava início ao martírio que o acompanharia durante quase toda a sua existência”.<sup>7</sup>

Inerente ao cotidiano da escravidão, a violência infligida aos cativos é um fato exaustivamente apresentado pelos historiadores. Esta questão é muito mais sensibilizante quando diz respeito à crianças. A sua pouca idade e resistência física não comoveram muitos senhores de escravos: “Pode-se atribuir o rigor dos castigos físicos infligidos a pequenos cativos ao seu menor valor de mercado, ou seja, exposta a uma mortalidade elevada, a criança escrava não recebia, da parte do proprietário, um tratamento muito interessado em sua preservação. E talvez seja, precisamente esse, o motivo de tão elevada mortalidade das crianças escravas no seio da população escrava brasileira.”<sup>8</sup>

Finalmente, muito cedo os pequenos escravos eram inseridos no mundo do trabalho. Como assinalou Mott, a “idade de cinco a seis anos parece encerrar uma fase na vida da criança escrava. A partir desta idade ela aparece desempenhando alguma atividade. [...] No meio rural, as mulheres e as crianças desempenham freqüentemente a mesma tarefa, como por exemplo descascar mandioca, descaroçar algodão e arrancar ervas daninhas”.<sup>9</sup>

## 2. A criança escravizada no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, somente a partir da sistematização da produção do charque, em fins do século XVIII, e da caracterização da charqueada como principal atividade econômica, a utilização do braço

escravo tornou-se diversificada e imprescindível. como diz Maestri, o "ciclo da charqueada inaugura a definitiva estruturação do escravismo como modo social de produção dominante de uma ampla região de nossos territórios".<sup>10</sup>

Nas charqueadas, para atender a um mercado em crescimento, o homem negro escravizado era utilizado até a exaustão. A violência, traduzida em castigos corporais, despontava como um meio de controle social a exemplo do que ocorria em outras regiões do país.

O modo pelo qual o escravo foi submetido foi observado por Fernando Henrique Cardoso: "Nas charqueadas só era possível manter a disciplina no trabalho e o respeito aos senhores e à ordem escravocrata através do controle estreito do escravo e da violência institucionalizada que o capataz exercia em nome dos senhores. [...] De fato, existe documentação suficiente para comprovar o rigor existente no regime disciplinar nas charqueadas."<sup>11</sup>

Por outro lado, o escravo no Rio Grande do Sul também rebelou-se contra sua condição, recorrendo ao suicídio, assassinando senhores e capatazes, fugindo e refugiando-se em quilombos.

Quanto às condições de vida das crianças escravas nada se sabe. O que se tem são informações esparsas, inexistindo estudos específicos. Fernando Henrique Cardoso, ao tratar da violência física contra os escravos, diz que "os excessos iam a ponto de permitir assassinios de crianças escravas".<sup>12</sup>

A imprensa, em 1881, noticiava a prática do infanticídio. Na ocasião fora "praticado por um senhor que, em vista da lei do ventre livre, acabara de atirar à rua, para morrer, um recém-nascido de escrava sua. Era a terceira vez que assim agia, tendo liquidado anteriormente outros dois filhos da mesma escrava".<sup>13</sup>

Também aqui os relatos dos viajantes referiam-se ao tratamento dispensado aos filhos dos cativos. Saint-Hilaire observou em uma das fazendas que: "Há sempre na sala um pequeno negro de 10 a 12 anos, cuja função é ir chamar os outros escravos, servir água e prestar pequenos serviços caseiros. Não conheço criatura mais infeliz que esta criança. Nunca se assenta, jamais sorri, em tempo algum brinca! Passa a vida tristemente encostado à parede e é freqüentemete maltratado pelo filho do dono. À noite chega-lhe o sono, e, quando não há ninguém na sala, cai

de joelhos para poder dormir. Não é esta casa a única que usa este impiedoso sistema: ele é freqüente em outras.”<sup>14</sup>

Uma outra atitude em relação aos filhos dos escravos foi indicada pela historiadora Margaret Bakos. Embora não tenha se detido na questão. Bakos dá pistas de ter sido comum também aqui a prática de se eliminar os recém-nascidos para que as mães fossem alugadas como amas-de-leite.<sup>15</sup> Com efeito, muitas destas nutrizes negras foram contratadas pela Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre para alimentarem as crianças abandonadas na Roda dos Expostos.

Embora em pequeno número, é possível que algumas das crianças negras deixadas na Roda dos Expostos da Santa Casa fossem filhas de escravas. A partir de 1837, por imposição da Assembléia Legislativa Provincial, a Santa Casa assumiu a tarefa de recolher e cuidar de expostos, responsabilidade que até então coubera à Câmara Municipal. Desde então, a Misericórdia inaugura, no Rio Grande do Sul, o confinamento dos enjeitados e a institucionalização do abandono, tendo como princípio básico a construção de cidadãos úteis a si e à sociedade.<sup>17</sup>

Entre 1838 e 1880, foram recolhidas 1894 crianças, das quais 74 eram negras. Raramente se sabe se eram ou não filhas de mulheres escravas. O abandono de recém-nascidos negros pode ter sido maior, já que não foi feito o registro da cor da criança nos anos 1838 e 1839. Em outros anos há omissão deste registro em alguns casos. No que foi possível averiguar, somente 40 crianças negras foram expostas antes da Lei do Ventre Livre. Após a Lei e até 1880, somente 34 crianças.<sup>18</sup>

Por outro lado, 445 crianças abandonadas eram de cor parda e também é possível que muitas delas fossem filhas de escravas.<sup>19</sup> De qualquer modo, o abandono na Roda de Expostos de recém-nascidos negros e pardos pode ser atribuído, por ora, ao interesse do proprietário em alugar a escrava como ama-de-leite. Todavia, é preciso que, através de um estudo metuculoso, se conheça as razões de tão pequeno número de crianças negras abandonadas na Roda, no período acima referido.

### *2.1. A mortalidade infantil entre a população escrava no Rio Grande do Sul*

Fundado em 23 de maio de 1850, o cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre passou a sepultar a população da cidade e também da Província, sem restrição alguma sejam livres, libertos ou

escravos. Ali eram sepultados os irmãos da Misericórdia, os membros de corporações religiosas, incluindo protestantes, os pobres e os indigentes.

Os escravos não eram sepultados dentro da área do cemitério mas em terreno próximo ao mesmo.<sup>20</sup> o enterro dos cativos não era gratuito custando, em 1848, mil réis, ao contrário dos marinheiros, dos pobres e dos praças da preta, que nada pagavam pela sua remoção e sepultura.<sup>21</sup>

Os *Registros de Óbitos do Escravos* sepultados no cemitério da Santa Casa tiveram início em 1850, estendendo-se até o final do escravismo. Felizmente foram preservados em sua totalidade e oferecem ao historiador a possibilidade de reconstruir não só o quadro da mortalidade mas também a origem dos cativos, seu estado civil, suas idades, cores, atividades em que se empregavam e a quem pertenciam.

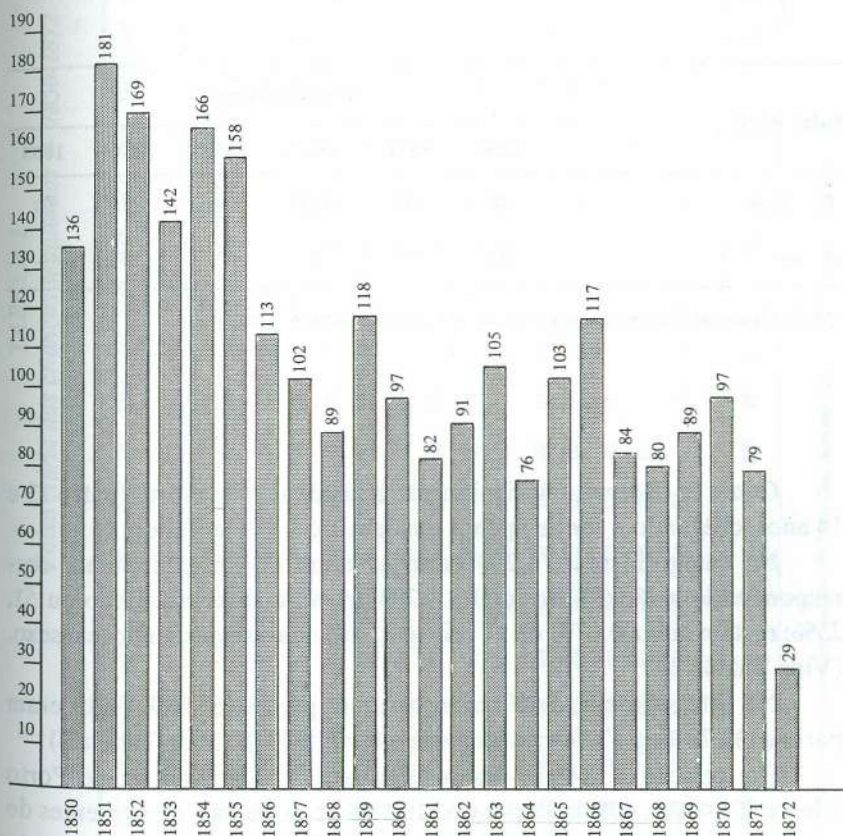
Para o estudo da mortalidade infantil foi feito o levantamento em quatro livros de registros, que abrangem o período de 1850 a 1872. No caso presente delimitou-se o período da infância entre zero e quatorze anos de idade, conforme se procede atualmente. Não há um consenso entre os especialistas a este respeito e a fronteira que marca a passagem da infância para a adolescência é muito tênue. Alguns pediatras admitem que ocorra aos 12 ou 13 anos e outros um pouco mais tarde.

A verificação da incidência dos óbitos foi distribuída nas seguintes categorias: faixa etária, sexo, cor, origem e causa das mortes. Como se trata de um tema que avança para o terreno da Medicina, buscamos a orientação de um profissional da área, no caso um pediatra, para que pudéssemos percorrer com mais segurança este caminho.<sup>22</sup>

No período em estudo (1850-1872) foram sepultados 4.511 escravos, dos quais 2.503 morreram entre 0 a 14 anos de idade, o que significa um percentual de 55,48%! Considerando que foi um período de 23 anos, a média de sepultamentos ficou em torno de 108 crianças ao ano. O período de maior pico da mortalidade correspondeu aos anos de 1850-1855, com 38% do total. Nestes cinco anos destacou-se 1851, com 181 crianças ou 19%. O outro extremo – menor incidência – foi 1872 com apenas 29 crianças sepultadas ou 1,15%. (Vide Gráfico 1)

## GRÁFICO 1

*Demonstrativo do número de crianças entre a população escrava sepultada no cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre 1850-1872*



Na categoria faixa etária constatou-se que 55,61% das crianças morreram entre 0 e 1 ano de idade, correspondendo a 1.392 óbitos. Em contrapartida, apenas 41 morreram entre 13 e 14 anos ou 1,63%. A mortalidade na faixa etária de 0 a 1 ano foi sempre muito alta no período em estudo e, a título de exemplificação, vejamos o período de 1850 a 1855 que, como já foi dito, caracterizou-se por ser o de maior incidência de óbitos:

Faixa etária	Nº de óbitos/ano					
	1850	1851	1852	1853	1854	1855
0 - 1 ano	74	110	105	78	94	77
13 - 14	01	05	01	03	02	—

FONTE: Registros de Óbitos dos Escravos Sepultados no Cemitério da ISCMPA — CEDOP.

Como se observa, é insignificante a incidência de mortes entre 13 e 14 anos, chegando a ser de apenas uma em 1855. (Vide Tabela 1)

Na categoria sexo, 1.203 crianças eram do sexo feminino, correspondendo a 48,06% do total e 1.283 eram do sexo masculino ou 51,25%; restam ainda 0,67% ou 17 crianças, das quais se desconhece o sexo. (Vide Tabela 2)

Na categoria cor, 1.637 crianças eram pretas (65,28%), 819 eram pardas (32,72%) e 47 desconhecemos a cor (1,87%). (Vide Tabela 3)

Em relação à origem destas crianças, 1.587 provinham de Porto Alegre (63,40%), 405 da Província (16,18%) e as demais provenientes de outras províncias do país: 3 de Santa Catarina (0,11%), 2 de São Paulo (0,07%), 7 de Rio de Janeiro (0,27%), 3 de Pernambuco (0,11%), 1 de Goiás (0,03%). Além destas, 21 provinham da África (0,87%) e 473 crianças são de origem desconhecida (18,89%). (Vide Tabela 4)



TABELA 1  
Faixa etária das crianças sepultadas — 1850-1872

ANO	1850	1851	1852	1853	1854	1855	1856	1857	1858	1859	1860	1861	1862	1863	1864	1865	1866	1867	1868	1869	1870	1871	1872
0 a 1	74	110	105	78	95	77	63	50	40	58	47	51	48	54	39	63	64	50	54	54	60	50	08
1 a 2	29	33	30	34	36	35	23	20	24	30	23	13	21	19	15	22	20	16	09	19	17	10	10
2 a 3	08	08	10	06	10	08	07	07	06	04	06	01	09	08	03	08	07	04	01	06	07	03	—
3 a 4	05	06	06	03	02	06	03	03	05	03	04	06	—	05	03	—	05	—	01	01	03	05	02
4 a 5	02	04	02	03	02	07	04	02	03	05	03	02	01	05	03	01	02	04	—	01	—	01	01
5 a 6	02	03	03	05	04	04	—	06	—	04	01	02	—	02	—	02	03	03	02	—	02	—	02
6 a 7	01	03	02	01	03	02	03	—	04	06	03	—	—	04	—	02	—	03	01	02	01	03	01
7 a 8	04	03	01	02	03	02	—	05	02	01	01	—	04	02	01	—	03	—	02	—	02	—	01
8 a 9	—	—	01	03	01	—	02	01	—	—	—	—	—	02	02	—	01	—	—	03	01	01	01
9 a 10	03	03	02	02	02	03	01	01	01	02	03	02	02	01	02	01	—	01	01	01	01	01	—
10 a 11	03	—	04	—	01	03	—	—	01	02	03	01	02	02	01	01	03	01	02	—	02	02	—
11 a 12	02	—	02	01	03	05	04	03	01	02	01	02	01	01	03	—	02	02	02	01	01	—	—
12 a 13	02	02	—	01	02	04	02	03	01	01	—	01	—	—	02	—	03	—	01	—	—	01	01
13 a 14	01	05	01	03	02	02	01	01	01	—	02	01	03	—	02	03	04	—	04	01	—	02	02
Total	136	181	169	142	66	158	113	102	89	118	97	82	91	105	76	103	117	84	80	89	97	79	29

FONTE: Registros de Óbitos dos Escravos Sepultados no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre — CEDOP.

TABELA 2  
Sexo das crianças sepultadas - 1850-1872

Ano	Meninas	Meninos	N/C	TOTAL
1850	60	72	04	136
1851	78	103	—	181
1852	81	86	02	169
1853	72	69	01	142
1854	73	93	—	166
1855	71	86	01	158
1856	52	61	—	113
1857	59	43	—	102
1858	48	41	—	89
1859	56	61	01	118
1860	46	50	01	97
1861	38	43	01	82
1862	46	45	—	91
1863	52	53	—	105
1864	41	35	—	76
1865	54	49	—	103
1866	55	62	—	117
1867	40	43	01	84
1868	33	46	01	80
1869	46	43	—	89
1870	47	48	02	97
1871	37	40	02	79
1872	18	11	—	29
<b>TOTAL</b>	<b>1.203</b>	<b>1.283</b>	<b>17</b>	<b>2.503</b>

FONTE: Registros de Óbitos dos Escravos Sepultados no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre - CEDOP.

**TABELA 3**  
*Cores das crianças sepultadas — 1850-1872*

Ano	Pretos	Pardos	N/C	TOTAL
1850	93	37	06	136
1851	127	47	07	181
1852	132	37	—	169
1853	106	34	02	142
1854	113	53	—	166
1855	109	47	02	158
1856	76	37	—	113
1857	75	26	01	102
1858	36	14	—	99
1859	104	50	03	118
1860	70	26	01	97
1861	52	26	04	82
1862	56	34	01	91
1863	67	36	02	105
1864	42	34	—	76
1865	58	45	—	103
1866	60	54	03	117
1867	42	36	06	84
1868	51	27	02	80
1869	48	39	02	89
1870	58	36	03	97
1871	45	32	02	79
1872	17	12	—	29
<b>TOTAL</b>	<b>1.637</b>	<b>819</b>	<b>47</b>	<b>2.503</b>

FONTE: Registros de Óbitos dos Escravos Sepultados no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre — CEDOP.

TABELA 4  
Origem das crianças sepultadas - 1850-1872

LOCALIDADE ANO	Porto Alegre	Prov. de S. Pedro	Santa Catarina	S. Paulo	Rio de Janeiro	Pernam- buco	Goiás	África	n/c	TOTAL
1850	48	05	-	-	-	-	-	01	82	136
1851	57	15	-	-	-	01	-	05	102	181
1852	121	22	-	-	-	-	-	04	22	169
1853	123	14	-	01	-	-	-	01	03	142
1854	138	07	-	-	-	-	-	01	20	166
1855	20	09	-	-	01	-	-	02	126	158
1856	79	16	-	-	-	-	-	01	17	113
1857	68	21	-	-	-	01	-	01	11	102
1858	64	22	-	-	-	01	-	02	-	89
1859	65	47	-	-	01	-	-	01	04	118
1860	40	50	01	-	-	-	-	01	05	97
1861	47	26	-	-	-	-	-	01	08	82
1862	54	30	-	-	01	-	-	-	06	91
1863	72	24	-	-	-	-	-	-	09	105
1864	60	13	-	-	-	-	-	-	03	76
1865	82	12	-	-	01	-	-	-	08	103
1866	83	23	-	01	01	-	-	-	09	117
1867	60	13	-	-	-	-	-	-	11	84
1868	65	08	01	-	-	-	01	-	05	80
1869	76	05	-	-	01	-	-	-	07	89
1870	79	09	-	-	01	-	-	-	08	97
1871	64	08	01	-	-	-	-	-	06	79
1872	22	06	-	-	-	-	-	-	01	29
<b>TOTAL</b>	<b>1587</b>	<b>405</b>	<b>03</b>	<b>02</b>	<b>07</b>	<b>03</b>	<b>01</b>	<b>21</b>	<b>473</b>	<b>2503</b>

A categoria mais difícil de ser analisada é a que trata das causas das mortes. Inicialmente pretendia-se tentar encontrar uma relação entre as causas das mortes e as condições de vida dos escravos tentativa que, aliás, não é nova.<sup>23</sup> Contudo, devido à ausência de estudos sobre este aspecto do escravismo, como já apontamos, torna-se impossível enveredar para este terreno.

Um outro obstáculo se apresenta em relação a esta questão: segundo o dr. Pilla Grossi, é bastante difícil estabelecer um vínculo entre a causa da morte e o tipo de vida dos escravos porque não há informações suficientes para que se possa fazer uma avaliação satisfatória do quadro patológico. Em outras palavras, não se tem em mãos o prontuário médico das crianças — ele simplesmente não existia.

Além disso, muitas das causas mencionadas não são propriamente doenças mas sintomas. Finalmente, grande parte dos diagnósticos refletiam as precárias condições de higiene, o desconhecimento de regras alimentares adequadas, enfim as próprias condições sanitárias da época. Estes fatores, conjugados, afligiam a sociedade como um todo e, guardadas as devidas proporções, vale para o Rio Grande do Sul a observação que Stuart B. Schwartz fez em relação à sociedade baiana: "As condições de insalubridade, a subnutrição e a falta de assistência médica afetavam um grande segmento da população livre além dos escravos na Bahia, mas sem dúvida o cativo criava certas condições especiais de mortalidade."<sup>24</sup>

Foi possível classificar os diagnósticos em diversas categorias, podendo igualmente apresentar a incidência das mesmas. São inúmeras as causas apontadas, daí a necessidade de agrupá-las seguindo os critérios da *Classificação Internacional de Doenças*.<sup>25</sup>

Infelizmente, por não dispormos do auxílio de um computador nos limitamos a apresentar apenas as causas e o número de casos em cada uma delas, tendo que abandonar a idéia inicial de relacionar causa/sexo/faixa etária.

Feitas estas colocações, são as seguintes as causas das mortes das crianças filhas de escravos sepultadas entre 1850 e 1872 no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia:

TABELA 5

*Repartição dos Óbitos por causas — População infantil escrava  
sepultada no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre  
1850-1872*

<b>Categoria das Doenças</b>	<b>Nº de Casos</b>	<b>TOTAL</b>
<b>I — Doenças do aparelho respiratório</b>		
Laringite	04	
Bronquite	68	
Pneumonia	90	
Broncopneumonia	18	
Enfisema	01	
Asma	12	
Pleurisia	04	
Pneumotórax	01	
Abcesso do pulmão	01	
Congestão pulmonar	12	
Pleuropneumonia	07	
Coriza	01	
Hidrotórax	02	
Defluxão	01	
		222
<b>II — Doenças do aparelho digestivo</b>		
Úlceras (intestinal, escrofulosa e gangrenosa)	04	
Gastrite	18	
Hernia umbilical	01	
Abcesso no fígado	02	
Constipação	02	
Peritonite	08	
Hepatite	24	
Esplenite	01	
Mesenterite	18	
Indigestão	03	
Cólica intestinal	01	
Gastro hepatite	25	
Gastro entero colite	23	
Gastro hepato enterites	05	
Hepato colite	01	
Dispepsia	01	
Aftas	12	
		149

Categoria das Doenças	Nº de Casos	TOTAL
<b>III — Algumas afecções originadas no período neonatal</b>		
Tétano neonatal (mal de sete dias, tétano umbilical, trismus, trismus naciéntivus, tétano)	151	
Asfixia (asfixiada)	07	
Hemorragia umbilical (esvaimento de sangue pelo umbigo)	02	
Icterícia	05	
Convulsões	33	
Catarrho sufocante	03	
		201
<b>IV — Doenças do sistema nervoso e dos órgãos do sentido</b>		
Meningite	24	
Encefalite	13	
Mielite	10	
Apoplexia	18	
		65
<b>V — Doenças do aparelho circulatório</b>		
Endocardite	02	
Aneurisma	03	
Hidropericardite	03	
		08
<b>VI — Transtornos do desenvolvimento e da erupção dos dentes</b>		
Dentição	129	
		129
<b>VII — Doenças do aparelho geniturinário</b>		
Cistite	02	
		02
<b>VIII — Complicações da gravidez, do parto e do puerpério</b>		
Intra uterina	01	
Eclampsia	06	
Prematuridade	23	
Natimortos	10	
		40

<b>Categoria das Doenças</b>	<b>Nº de Casos</b>	<b>TOTAL</b>
<b>IX - Anomalias congênicas</b>		
Espinha bífida	01	
Lesão no coração	05	
Afecção congênita do coração	01	
Hidrocefalia (hidrocéfalo hidrocefalite)	16	
Hipertrofia do coração	04	
Atrofia do coração	01	
Dilatação do coração	01	
		29
<b>X - Doenças da nutrição</b>		
Marasmo	06	
Inanição	07	
Raquitismo	19	
		32
<b>XI - Doenças do sangue</b>		
Anemias	26	
		26
<b>XII - Lesões e envenenamento</b>		
Mordedura de aranha	01	
Queimadura (combustão)	05	
Afogada (afogamento, afogado no poço de casa, asfixia por submersão)	05	
Suicídio	01	
Homicídio por estrangulamento	01	
Morto por sua mãe	01	
Pisadura	01	
Tombo	01	
Coice de cavalo	01	
Comoção cerebral	02	
		20
<b>XIII - Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo</b>		
Hidropsia	15	
		15
<b>XIV - Neoplasmas</b>		
Escrófulas	17	
Tumores (cancro, tumor)	05	
		22
<b>XV - Doenças infecciosas e parasitárias</b>		
Cólera morbus	40	
Disenteria	110	



<b>Categoria das Doenças</b>	<b>Nº de Casos</b>	<b>TOTAL</b>
<b>XV — Doenças infecciosas e parasitárias</b>		
Colite	19	
Enterite	68	
Gastreenterite	120	
Diarréia	113	
Verminose	48	
Tuberculose pulmonar	66	
Tuberculose mesentérica	32	
Coqueluche	51	
Escarlatina	20	
Erisipelas	06	
Tétano (trismus)	32	
Bexigas	33	
Sarampo	27	
Caxumba	01	
Tifo	19	
Sífilis	18	
Bouba	03	
Crupe (garrotilho, angina diftérica, angina laríngea, angina membranosa, angina maligna)	14	
Colerina	02	
		842
<b>XVI — Causas mal definidas de mortalidade e morbidade</b>		
Repentinamente	80	
Sem assistência médica	43	
Asfixia	03	
Caquexia	05	
Debilóide	01	
Ao nascer	93	
		225
<b>XVII — Sintomas, sinais e afecções mal definidas</b>		
Consumção mesentérica	01	
Hemorragia	03	
Gastroentero encefalite	01	
Convulsões	145	
Cianose	01	
Gangrenas	02	
Tosses	45	
Catarros	19	
Ascites	05	
Hemorragia pulmonar	01	
Moléstia interna	06	

<b>Categoria das Doenças</b>	<b>Nº de Casos</b>	<b>TOTAL</b>
<b>XVII - Sintomas, sinais e afecções mal definidas</b>		
Moléstia crônica	01	
Enfermidade que trouxe do ventre materno	01	
Lesão	04	
Cãibras no sangue	02	
Inflamação	12	
Atrofia	24	
Afecção pulmonar	03	
Moléstia aguda	01	
Astenia	02	
Cólica	03	
Consumpção	11	
Infecção	01	
Dartros	02	
Paralisia	01	
Látea (crosta látea)	03	
Hipertrofia	07	
Afecção do peito	01	
Erupção pubi	01	
Petino	01	
Ataques	23	
Febres	32	
Paralisia e alienação mental	01	
Supressão exantemática	01	
Metástase exantemática	01	
Vômito pulmonar	01	
Tireóide	01	
Gastro	06	
Gastrobronquite	01	
Abcessos	02	
Hipertrofia mesentérica	05	
Mesenterite	18	
Tabes mesentérica	04	
Apostma (apostma na cabeça)	05	
Anasarca	06	
		417
<b>XVIII - Não legíveis, ignoradas, não-especificadas*</b>		
Total		59
Causas especificadas		2.444
Causas não-especificadas		59
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>2.503</b>

FONTE: Registros de Óbitos dos Escravos Sepultados no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (1950-1872) - CEDOP/ISCMPA.

As doenças do aparelho respiratório, do aparelho digestivo, as moléstias ocorridas no período neonatal e as infecciosas e parasitárias, foram responsáveis pela maior parte dos óbitos.

Na primeira categoria — Doenças do aparelho respiratório — constatou-se 222 óbitos. A bronquite e a pneumonia se destacam, com 71,17% do total. A bronquite contribuiu para a morte de 55 crianças entre 30 dias e 1 ano de vida e a pneumonia atingiu 36 crianças nesta faixa etária. Apenas 3 casos de bronquite foram verificados entre crianças do 0 aos 30 dias de vida.

Na segunda categoria — Doenças do aparelho digestivo — com 149 óbitos, as mais freqüentes foram as gastrites, as hepatites, a mesenterite, a gastro hepatite, o gastroenterocolite e as aftas. Juntas, são responsáveis por 80,53% do total deste grupo.

A gastrite matou 13 crianças entre 0 - 12 meses, sendo que destas 3 situavam-se na faixa etária de 0 a 30 dias. As hepatites levaram à morte 11 crianças na faixa 0 aos 12 meses, sendo que 1 delas entre 0 e 30 dias. A mesenterite matou 7 crianças entre 30 dias e 1 ano, a gastro hepatite matou 11 bebês entre 0 e 1 ano, dos quais 2 entre 0 e 30 dias. A gastroenterocolite foi responsável pela morte de 5 crianças entre 0 e 1 ano de vida. Finalmente, as aftas levaram à óbito 10 crianças na mesma faixa etária acima, sendo que 2 entre 0 e 30 dias.

A morte provocada por “aftas” chama a atenção. No entanto, consultando o *Memorial Therapeutico* de Chernoviz, constata-se que diagnosticava-se dois aspectos clínicos: poderia tratar-se de “lesão puramente local, não acompanhada de fenômenos gerais” ou “doença infecciosa, contagiosa e transmissível pelo leite”, sendo “análoga à febre aftosa dos bovinos. Efetivamente esta forma encontra-se as mais das vezes nas crianças de leite e nos adultos submetidos ao regime lácteo”.<sup>25</sup>

O mais curioso é que Chernoviz afirma que “a doença sara em uma semana. Só excepcionalmente é que aparecem complicações graves”. Para obter-se a cura bastava suspender o leite contaminado, substituindo-o por leite fervido; além disso deveria proceder-se a uma higienização da boca e purificação intestinal.<sup>26</sup>

Sendo assim, é possível que as crianças que morreram desta doença tenham sido vítimas do desconhecimento da origem do mal por parte dos pais e/ou proprietários.

Na terceira categoria – Afecções originadas no período neonatal – responsável por 201 óbitos, destaca-se o tétano neonatal mais conhecido como mal-de-sete-dias, em 75,12% do total.

O mal-de-sete-dias foi uma das causas de morte mais frequentes entre os recém-nascidos no Brasil. Schwartz indica a possibilidade, para o caso da sociedade colonial baiana, de que as atitudes relativas aos partos de recém-nascidos escravos, os quais eram feitos pelos próprios negros, poderiam ter contribuído para a incidência deste mal entre a população escrava baiana: “Após o nascimento [...], o cordão umbilical era cortado a uma boa distância do corpo e besuntado com óleo e pimenta, costume este que talvez contribuisse para a infecção do tétano o mortal mal-de-sete-dias”.<sup>27</sup>

Para o contexto do Rio Grande do Sul podemos por ora simplesmente constatar a grande incidência de ‘mal’ também aqui.

Neste grupo ainda, estão as convulsões, responsáveis por 16,41% das mortes. Cumpre assinalar que foram registrados neste grupo apenas as convulsões de recém-nascidos, sendo que a morte por esta causa também atingiu outras faixas etárias.

Na quarta categoria – Doenças infecciosas e parasitárias – ocorreram 842 óbitos. A desintéria (110 casos), a gastrenterite (120 casos) e a diarréia (113 casos) são as principais.

Neste grupo situa-se também o cólera morbus que, no Rio Grande do Sul apresentou-se como surto epidêmico nos anos 1855 e 1867, sendo responsável, no caso presente, pela morte de 40 crianças. Consideramos este índice parcialmente já que há inúmeros registros de óbitos cuja causa mencionada foi o cólera morbus, sem que fosse mencionada a idade das pessoas. Sendo assim, é muito provável que o número de crianças fosse muito maior.

Algumas causas mencionadas foram classificadas na categoria Causas mal definidas de mortalidade e morbidade, responsáveis por 225 óbitos. Neste grupo chama atenção a morte por falta de assistência médica (43 casos) e a morte ao nascer (93 casos). No primeiro caso 35 crianças ou 81,39%, situavam-se na faixa etária de 0 a 1 ano. A morte por falta de assistência denota negligência embora não se saiba se por parte dos pais ou dos proprietários dos escravos.

A morte ao nascer pode ter inúmeras causas, inclusive a falta de assistência imediata ou debilidade extrema. Cumpre assinalar que o

termo é bastante vago, podendo estar ocultando as verdadeiras causas do óbito.

Um grande número de causas mencionadas foram agrupadas na categoria Sintomas, sinais e afecções mal definidas, totalizando 447 óbitos.

Retomando a questão do vínculo entre mortalidade e condições de vida dos escravos, há forte indícios desta possibilidade na população aqui tratada. Neste sentido estão as doenças da nutrição, com 7 casos de morte por inanição, 19 casos de raquitismo e 6 casos de marasmo.

Há ainda os casos evidentes — embora raros — de morte deliberadamente provocadas: estrangulamento (1 caso), degola (1 caso), “morto por sua mãe” (1 caso) e suicídio (1 caso). O estrangulamento ocorreu com uma criança entre 30 dias e 1 ano e o suicídio foi praticado por um menino de 12 anos de idade.

Finalmente, há 59 casos em que se desconhece a causa das mortes por não ter sido mencionada, por ter sido registrado “ignorada” ou por não ser legível o registro.

## Conclusões

A partir do que foi exposto é possível tecer algumas considerações. A criança escrava sepultada no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia no período de 1850 a 1872 era predominantemente do sexo masculino, situava-se entre 0 e 1 ano de idade provinha da capital da província e era de cor preta.

A grande incidência de óbitos nesta faixa etária evidencia a precariedade do atendimento a que estiveram submetidas as crianças nos seus primeiros 12 meses de vida, precariedade esta resultante, por um lado, das condições sanitárias da época e, por outro, das condições de existência da população escrava. Contudo, se é relativamente fácil inferir acerca da situação sanitária como fator de influência na mortalidade, atingindo também a população livre e branca, a busca de respostas nas condições de vida dos escravos exige primeiramente que se investigue profundamente este aspecto do escravismo do Rio Grande do Sul. Por ora, considera-se mais prudente mencionar esta questão hipoteticamente.

Finalmente, dentre as causas de morte definidas mais precisamente, as doenças infecciosas e parasitárias foram responsáveis pela maioria dos óbitos.

## Notas

1. MATTOSO, Kátia de Queirós. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982. p.50-1.
2. Apud CONRAD, Robert Edgar. *Tumbeiros*. O Tráfico de Escravos para o Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.51.
3. MAURO, Frédéric. *Portugal, o Brasil e o Atlântico (1570-1670)*. Lisboa, Estampa, 1989. Vol. I. p.232.
4. MATTOSO. *Op. cit.* p.87.
5. MOTT, Maria Lúcia de Barros. "A Criança Escrava na Literatura de Viagens". *Caderno de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*. s/data. p.60.
6. MAESTRI, Mário. *A Servidão Negra*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988. p.100-1.
7. NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das. Os "leva-pancadas": Violência contra a Criança Escrava no Século XIX. 1989. p.6. [mimeo]
8. NEVES. *Op. cit.* p.12.
9. MOTT. *Op. cit.* p.61.
10. MAESTRI, Mário. "O Escravo Africano no Rio Grande do Sul". In: DACANAL, José Hildebrando (Org.). *RS: Economia e Política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, Série Documenta 2, 1979.
11. CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. p.138.
12. *Idem.* p.139.
13. "A Voz do Escravo", 1º de maio de 1881. Apud CARDOSO. *Op. cit.* p.140.
14. SAINT-HILAIRE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. Trad. de Leoman Azevedo Pena, Rio de Janeiro, Ariel Editora, 1935. p.93.
15. BAKOS, Margaret M. *Escravidão e Abolição*. Porto Alegre, Mercado Aberto, Série Documenta 13, 1982. p.14.
16. GERTZE, Jurema M. *Infância em Perigo*. A Assistência às Crianças Abandonadas em Porto Alegre (1837-1880). Dissertação de Mestrado, PUCRS, 1990. p.182-3.
17. *Idem.* p.57-64.
18. GERTZE. *Op. cit.* p.162-6.
19. *Idem.* p.168.
20. *Regimento para o Cemitério da Cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre, Typographia de Claudio Dubreil, 1849. art. 5º. p.3. CEDOP/ISCOMPA.
21. *Idem.* p.4.
22. Registramos aqui o nosso agradecimento à colaboração do dr. Sérgio Pilla Grossi, médico pediatra, chefe do Berçário da Maternidade Mário Totta – Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.
23. SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos*. Engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. p.302.
24. *CID — Classificação Internacional de Doenças*. Porto Alegre, SAGRA, s.d.
25. CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Memorial Therapeutico*. s/localidade, s/editora, s/data. p.1438-9.
26. *Idem.*
27. SCHWARTZ. *Op. cit.* p.329.

## Fontes manuscritas

Registros de Óbitos dos Escravos Sepultados no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre — Livros 1 a 4 (1850-1872) — CEDOP/ISCOMPA.

## Fontes impressas

- Regimento para o Cemitério da Cidade de Porto Alegre. Porto Alegre, Typographia de Claudio Dubreil, 1849. CEDOP/ISCMPA.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Memorial Therapeutico ou Indicação Abreviada dos Symptomas das Moléstias e dos Meios Empregados no Tratamento d'Ellas. s/localidade, s/editora, s/data.

## Bibliografia citada

- BAKOS, Margaret M. *Escravidão e Abolição*. Porto Alegre, Mercado Aberto, Série Documenta 13, 1982.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- CONRAD, Robert Edgar. *Tumbeiros. O Tráfico de Escravos para o Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- GERTZE, Jurema M. *Infância em Perigo: a assistência às crianças abandonadas em Porto Alegre (1837-1880)*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 1990.
- MAESTRI, Mário. *A Servidão Negra*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- MATTOSO, Kátia de Queiróz. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MAURO, Frédéric. *Portugal, o Brasil e o Atlântico. (1570-1670)*. Lisboa, Estampa, 1989. Vol. 1.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. "A Criança Escrava na Literatura de Viagens". *Caderno de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*. s/data.
- NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das. Os "Leva-Pancadas": violência contra a Criança Escrava no Século XIX. 1989. [mimeo]
- SAINT-HILAIRE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. Trad. de Leomam Azevedo Pena, Rio de Janeiro, Ariel, 1935.
- SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos. Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial 1550-1835*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.